

## ESTAMOS CONDENADOS À LIBERDADE

SYLVIA ELISABETH DE PAULA ALENCAR

### Introdução

Este artigo tem como finalidade discorrer acerca da liberdade na concepção existencialista de Jean-Paul Sartre, autonomia de escolha, considerando-se a relevância e a atualidade do tema e a necessidade de se divulgar algo tão intrínseco à convivência em sociedade.

Após uma breve descrição sobre o contexto no qual Sartre cresceu e moldou o seu pensamento e de, com brevidade, conceituar existencialismo, o texto abordará a categoria liberdade e as implicações em relação à responsabilidade que emana dessa liberdade.

### Sobre Jean-Paul Sartre

Jean-Paul Sartre veio ao mundo no dia 21 de junho de 1905, em Paris, filho de um casal de classe média. Seu pai, oficial da Marinha francesa, chamava-se Jean-Baptiste Sartre, de espírito inquieto e aventureiro. Sua mãe, moça prendada, pintava, tocava piano, costurava e sabia cantar. Chamava-se Anne-Marie Schweitzer (You para os íntimos).

Aos dois anos Sartre ficou órfão e foi morar com sua mãe na casa dos seus avós maternos. Seu avô, Charles Schweitzer, seu primeiro professor, era dono de uma biblioteca invejável e neste lugar tranquilo, abarrotado de livros é que o pequeno Poulou (apelido de Sartre) passava seus dias lendo, satisfazendo a sua curiosidade sobre as coisas do mundo. Em seu livro autobiográfico *As Palavras*, Sartre escreve:

Os livros foram meus passarinhos e meus ninhos, meus animais domésticos, meu estábulo e meu campo; a biblioteca era o mundo refletido no espelho [...]  
(COHEN-SOLAL, p. 57).

Poulou só ingressou na escola pública aos dez anos. Após a morte do avô, sua mãe casou-se pela segunda vez. Seu padrasto, Joseph Mancy, engenheiro naval, era extre-

mamente severo para com Jean-Paul chegando por vezes a esbofeteá-lo quando lhe tomava as lições. Sartre o odiou pelo resto dos seus dias.

Dotado de inteligência brilhante Sartre, ainda estudante secundarista, escreveu peças de teatro. Findo seus estudos no liceu, ingressou na universidade no curso de filosofia e após concluí-lo seguiu o magistério liceal. Tempos depois trocou as aulas pela atividade jornalística e literária.

Seu interesse pelo Existencialismo teve início com as aulas de Husserl e com as leituras de Heidegger. Através de suas obras na literatura, no teatro, nas publicações jornalísticas, no cinema, Sartre vulgarizou as idéias existencialistas. Dentre sua enorme produção constam as seguintes obras: *A Náusea*; *A Imaginação*; *A Transcendência do Ego*; *O Muro*; *O Imaginário: Psicologia Fenomenológica da imaginação*; *As Moscas*; *O Ser e o Nada*; *Entre Quatro Paredes*; *A Idade da Razão*; *Sursis*; *Com a Morte na Alma*; *O Diabo e o Bom Deus*; *O Existencialismo é um Humanismo* (sua obra principal).

Com o livro *As Palavras*, sua autobiografia, Jean-Paul Sartre foi agraciado com o prêmio Nobel, em 1964, ao qual recusou.

Desde a época de estudante mantinha um romance com a escritora Simone de Beauvoir (1908-1986), apelidada Castor, também seguidora do existencialismo, que se prolongou por toda a sua vida.

Intelectual engajado na política e na vida cultural de sua época, Sartre fez parte da Resistência Francesa, posicionou-se a favor do Terceiro Mundo, lutou contra o colonialismo denunciando os desmandos dos países ricos em *Tempos Modernos*, revista da qual foi diretor e que manteve com outros intelectuais (Simone de Beauvoir, Albert Camus e Merleau-Ponty, dentre outros).

Morreu aos 75 anos, a 15 de abril de 1980, cego e vítima de câncer pulmonar. Seus restos mortais se encontram no cemitério de Montparnasse em Paris, próximo ao túmulo de Baudelaire. Sua morte causou comoção em todo o mundo, pois Sartre talvez tenha sido o intelectual que mais ocupou espaço na mídia.

Considerado como o expoente do existencialismo, Sartre nos legou em suas obras a importância do exercício



pleno da liberdade com responsabilidade, um dos seus temas favoritos:

Sozinho – e sem desculpas – , o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si próprio; mas livre, porque lançado no mundo, é responsável por tudo quanto fizer. Sartre exemplifica: o covarde se faz covarde, da mesma forma que o herói se faz herói. Mas há sempre a possibilidade de o covarde deixar de ser covarde, o mesmo podendo acontecer com o herói. Isto só depende do homem, de sua liberdade [...] (PENHA, 2004, p.49).

### **Breves Palavras sobre o Existencialismo**

O Existencialismo é um movimento com representantes na literatura e na filosofia, com eco em outros setores culturais como artísticos, religiosos e ético-sociais, que passou a ser divulgado após a Primeira Grande Guerra (1914-1918), e tem como principal preocupação a existência humana em sua concretude, no seu viver, nas suas aspirações. Há várias correntes existencialistas. Há mesmo quem afirme que para cada filósofo existencialista há uma corrente existencialista.

As raízes do Existencialismo remontam ao dinamarquês Sören Aabje Kierhegaard (1813-1855), pensador e literato do século XIX, que se contrapôs a Hegel no que se refere a abarcar a realidade em um sistema. Para Kierhegaard não se pode transformar em sistema a existência humana:

[...] A existência humana, na versão de Kierhegaard, não pode ser explicada através de conceitos, de esquemas abstratos. Um sistema, insiste, promete tudo, mas não pode oferecer absolutamente nada, pois é incapaz de dar conta da realidade humana. O sistema é abstrato, a realidade é concreta. O sistema é racional, a realidade é irracional. A realidade é tudo, menos sistema. (PENHA, 2004, p.16).

Kiergaard assim se colocava porque acreditava que os indivíduos têm conhecimento maior sobre sua realidade já que é esta realidade que os interessa verdadeiramente. Para ele a verdade estava na subjetividade de cada pessoa:

O singular é o homem. Contrariamente ao que ocorre com os animais, o homem singular vale mais que a espécie. Apenas ele tem consciência da sua singularidade. A existência individual, assim a concebe Kierkgaard, é para ser vivida, dispensando ser explicada racionalmente, conforme pretendia Hegel. Contra a concepção hegeliana do homem, valorizado apenas naquilo que apresenta de geral e abstrato, Kierkgaard exalta o concreto, o singular, o homem, enquanto subjetividade [...] (PENHA, 2004, p.17)

As idéias de Kierkgaard foram divulgadas na Alemanha no início do século XX pelos escritores, emigrados russos, Nicolau Berdiáev e Leon Chestov e logo depois estas idéias espalharam-se pela França. Do pensamento de Kierkgaard, os existencialistas aproveitaram os temas e sobre eles moldaram suas reflexões.

Um outro filósofo inspirador do Existencialismo, principalmente inspirador de Sartre, foi o alemão Edmund Husserl (1859-1938). Em suas memórias, Simone de Beauvoir escreveu que estando um dia, juntamente com Sartre e Raymond Aron, que retornara de Berlim, em um bar de Paris, onde bebiam um coquetel de abricó, Aron repentinamente disse a Sartre: "Como vê, meu caro, se você é um fenomenologista, é capaz de falar deste coquetel e fazer filosofia dele". Conta Simone que Sartre ficou emocionado, pois era isso que procurava há vários anos. Pouco depois, Jean-Paul rumou para a Alemanha e se tornou aluno de Husserl. A importância de Husserl para os existencialistas foi o aproveitamento do seu método de investigação, o método fenomenológico.

[...] A fenomenologia surge no processo de revisão de verdades tidas como cientificamente inabaláveis, no momento em que as ciências, ao nível da investigação, assumem um significado humano. (PENHA, 2004, p. 21, 22).

Husserl viu na filosofia um campo extremamente profícuo de estudos, para isso bastando transformá-la em uma ciência dotada de rigor científico, tornando-a açambarcadora do saber, elevando-a à ciência de todas as ciências. A sistematização de seus estudos tem início com



uma crítica às ciências de inspiração positivista em decorrência da objetividade e introduzindo a valorização da subjetividade no campo da investigação.

Agregado à humanização das ciências Edmund Husserl desenvolveu o conceito de intencionalidade que “é a característica fundamental da consciência, pois é através dela que aquilo que um objeto é se constitui espontaneamente na consciência.” [...] (PENHA, 2004, p.22).

Em outras palavras, a consciência é ativa e é ela que dá sentido a tudo o que existe. O método fenomenológico é uma alternativa ao materialismo e ao idealismo para a explicação da realidade: [...] as idéias só existem porque são idéias sobre coisas. Sintetizando: consciência e fenômeno não existem separados um do outro.” (PENHA, 2004, p.23).

### “Estamos Condenados à Liberdade”

Existem várias correntes existencialistas, porém a que nos interessa no âmbito desse artigo é o existencialismo ateu de Jean-Paul Sartre do qual abordaremos a categoria liberdade. Faz-se mister, *a priori*, uma ligeira explanação sobre esta corrente do existencialismo – o existencialismo ateu.

O existencialismo ateu parte da premissa de que “a existência precede a essência”. Significa dizer que em princípio o homem não é nada, é somente quando se fizer que ele será alguma coisa. Dessa forma, não há natureza humana porque não existe Deus para moldá-la:

O homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência; o homem não é mais do que ele se faz. (SARTRE, 1970, p.216, 217).

Ao contrário do que muitos pensam, não é nada cômodo para os existencialistas afirmar que Deus não existe porque não poderia existir o bem *a priori*, não haveria um Ser superior para pensa-lo. Estamos, então no mundo, totalmente livres, necessitando praticar a honestidade e a bondade.

Há uma diferença entre o ser humano e as coisas já que somente o homem é livre. É livre porque ele é seu projeto, ou

seja, “se lança adiante”, é consciente, é um “ser-para-si” pois a consciência é auto-reflexiva. A consciência se põe “do lado de fora” para realizar uma auto-avaliação. Os animais, ao contrário, são seres “em si” apenas estão no mundo e não têm a capacidade de se auto-avaliar. Quando o homem se percebe “para si” e se dá conta de que ele próprio precisa construir a sua essência descobre que não há modelo e nem essência em que possa se inspirar e em que possa orientar-se. Percebe que o caminho está aberto para construir ele próprio a sua vida, então está incontestavelmente “condenado a ser livre”. A afirmação lembra que cabe ao homem inventar os valores porque estes não são criados nem por Deus e nem pela tradição. Observe-se que a responsabilidade do ser humano é imensa porque ele dentro dessa liberdade tem de fazer escolhas. O dilema de ter de escolher gera angústia<sup>1</sup>:

O existencialista não tem pejo em declarar que o homem é angústia. Significa isso: o homem ligado por um compromisso e que se dá conta de que não é apenas aquele que escolhe ser, mas de que é também um legislador pronto a escolher, ao mesmo tempo que a si próprio, a humanidade inteira, não poderia escapar ao sentimento da sua total e profunda responsabilidade [...] (SARTRE, 1970, p.221)

Inúmeras pessoas não suportam a angústia e fogem dela. Procuram agasalhar-se na má-fé e mentem a si mesmas fingindo escolher. Imaginam que seus destinos estão traçados omitindo com a não-escolha a responsabilidade perante os seus atos. Estas pessoas imaginam que nem todas as pessoas agem como elas o que tende, pode-se supor, a burlar a angústia:

Ora a verdade é que devemos perguntar-nos sempre: que aconteceria, se toda a gente fizesse o mesmo? E não podemos fugir a este pensamento inquietante a não ser por uma espécie de má-fé. Quem mente e se desculpa declarando: nem toda a gente faz assim, é alguém que não está à vontade com a sua consciência;

---

<sup>1</sup> Angústia: Estado de inquietação que decorre, do existente humano, ou de sua liberdade e do pressentimento do erro possível, ou de sua insegurança sob a ameaça do Nada.



porque o fato de mentir implica um valor universal atribuído à mentira. Ainda quando a disfarçemos a angústia aparece [...] (SARTRE, 1970, p. 222-223).

Sartre nomeia o comportamento de recusa da liberdade de espírito de seriedade porque com esta atitude o ser humano desenvolve o conformismo e passa a respeitar a ordem estabelecida, aceitando-a totalmente sem contestá-la. Com a recusa da liberdade, o ser humano se assemelha ao animal torna-se “em si” perde a transcendência. Agindo assim, o ser humano se acomoda, vive ao sabor das circunstâncias que se lhe apresentam. É um paciente da história e não um ser atuante, senhor da sua liberdade.

O fato de ser livre lega ao homem uma grande responsabilidade porque quando se afirma que a ele cabe construir a sua própria existência isso não deve ser entendido pela sua restrita individualidade. Observemos os seguintes exemplos inerentes à nossa realidade: se um funcionário público se recusa a receber propina ele está enfraquecendo a corrupção. O seu comportamento-cidadão servirá de modelo para inúmeras pessoas e poderá funcionar como “efeito dominó”. Se um jovem casal resolve ficar junto e constituir família depreende-se então que estarão reforçando a monogamia e não apenas guardando-se um para o outro. Inúmeras críticas foram feitas a Sartre afirmando sua apologia ao individualismo o que se configura numa inverdade, porque para ele a responsabilidade de cada ser humano envolve toda a humanidade. Ao criarmos o ser humano que almejamos ser, criamos também a imagem dos seres humanos que deverão viver em sociedade. Jean-Paul Sartre em *O Existencialismo é um Humanismo*, escreve acerca do ato de ser responsável e da angústia gerada pela responsabilidade:

Tudo se passa como se, para todo o homem, toda a humanidade tivesse os olhos postos no que ele faz e se regulasse pelo que ele faz. E cada homem deve dizer-se a si próprio: terei eu seguramente direito de agir de tal modo que a humanidade se regule pelos meus actos? E se o homem não diz isso, é porque ele disfarça a sua angústia. Não se trata aqui duma angústia que levaria ao quietismo, à inacção [...] (SARTRE, 1970, p.224, 225).

Ao contrário, esta angústia, que é normal a quem tem liberdade para escolher, não impede os seres humanos de agir. Ela é a condição para que ajam:

Esta espécie de angústia, que é a que descreve o existencialismo, veremos que se explica, além do mais, por uma responsabilidade directa frente aos outros homens que ela envolve. Não é ela uma cortina que nos separe da acção, mas faz parte da própria acção. (SARTRE, 1970, p.224, 225).

Percebe-se que o existencialismo é totalmente contra o quietismo, a acomodação, o determinismo. O determinismo coloca os seres humanos como cativos das forças econômicas, sociais, políticas ou biológicas, obrigando-os a se sujeitar a estas forças sem o poder da escolha e do exercício da liberdade.

Para os existencialistas só existe realidade na ação de cada pessoa. É por isso que muitos indivíduos sentem horror à doutrina existencialista à medida que não podem atribuir os seus fracassos ou as suas faltas de iniciativa a outrem:

[...] Porque muitas vezes não têm senão uma única maneira de suportar a sua miséria, isto é, pensar "as circunstâncias foram contra mim, eu valia muito mais do que aquilo que fui; é certo que não tive um grande amor, ou uma amizade, mas foi porque não encontrei um homem ou uma mulher que fossem dignos disso, não escrevi livros muito bons, mas foi porque não tive tempo para o fazer; não tive filhos a quem me dedicasse, mas foi porque não encontrei o homem com quem pudesse realizar a minha vida. [...]" (SARTRE, 1970, p. 222, 223).

Ora, o homem é o que ele faz, o homem nada mais é do que a sua vida. Não há lugar para a má-fé, para a idéia de destino traçado, de vontade de Deus para a realização de projetos dos homens e das mulheres. Sartre cita a frase de Dostoiévski: "Se Deus não existisse tudo seria permitido", para reforçar a idéia de que o homem, abandonado, sem nenhuma possibilidade que o guie, não encontra justificativas para não ser livre e o fato de ser livre exige dele a responsabilidade. Para o existencialismo há sim ação,



engajamento político, luta, vida, liberdade, prazer de viver fazendo, construindo, sendo um "ser para si", vencendo as "situações limites"<sup>2</sup> que surgirem nas veredas da vida. Como tão bem disse Jean-Paul Sartre:

[...] Não escolhemos o país, a data, a família e a classe social em que nascemos  $\frac{3}{4}$  isso é a nossa situação  $\frac{3}{4}$ , mas podemos escolher o que fazer com isso, conhecendo nossa situação e indagando se merece ou não ser mantida. (CHAUÍ, 1997, p. 107-108).

### Considerações Finais

O pensamento sartreano teve uma enorme repercussão em todo o mundo e sua influência se fez sentir em muitos intelectuais de toda uma geração. Sartre com o seu talento de escritor e de filósofo difundiu suas idéias através da grande quantidade de livros, peças teatrais, artigos, roteiros fílmicos, crítica literária, entrevistas e trabalhos jornalísticos. Viveu intensamente, mantendo-se fiel aos princípios que abraçou. Foi excepcionalmente livre. Liberdade que nos deixou como herança, para sempre, nas falas de seus personagens que nos convidam a praticá-la, a vivenciá-la, a fortalecê-la e a propagá-la.

### Referências Bibliográficas

- ABRÃO, B. S. *História da filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- ALMEIDA, F. J. *É proibido proibir*. Sartre. São Paulo: FTD, 1988.
- BOLLNOW, O. F. *Filosofia existencial*. São Paulo: Acadêmica, 1946.
- CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1997.
- COHEN-SOLAL, A. *Sartre (1905-1980)*. São Paulo: L &PM, 1986.

<sup>2</sup> "Situações Limites": Conceito criado por Karl Jaspers, filósofo alemão (1883-1969), tais como a culpa, a dor, a guerra, a luta, o sofrimento, a morte, através das quais os seres humanos sentem a sua impotência e despertam para um existir com mais autenticidade.

ECO, H. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1996

PENHA, J. *O que é existencialismo*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SARTRE, J. P. *O existencialismo é um humanismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

\_\_\_\_\_. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. *A idade da razão*. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 1999.